

(foto: Nunes d'Almeida)

GALERIA DOS ASES

JOSÉ PEDRO

DO BELENENSES

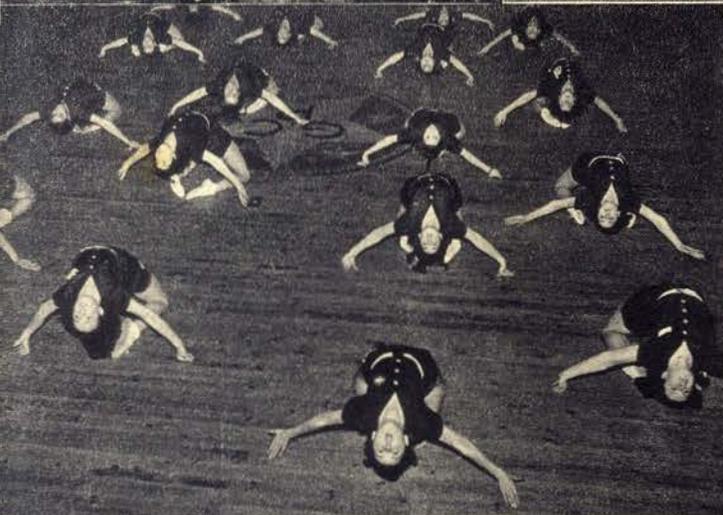
N.º 7 - 20 de Janeiro de 1943

Stadium

1\$50

As visitas do sr. DIRECTOR GERAL DOS DESPORTOS

às colectividades de educação física



(fotos Nunes d'Almeida)

O sr. tenente-coronel Salvação Barreto, Director Geral de Educação Física, Desportos e Saúde Escolar, iniciou as suas visitas às colectividades de desporto, começando pelo Ginásio Club Português, o antigo e prestimoso instituto nacional de educação física. As gravuras que ilustram esta página representam diversos aspectos desta visita do novo Director Geral. Da esquerda para a direita e de cima para baixo: o sr. tenente coronel

COMEÇOU há dias o campeonato escolar da Ala 2 da «Mocidade Portuguesa», em futebol, com inscrição reservada a escolas secundárias e liceus, e a filiados com idade compreendida entre 16 e 18 anos. Formaram-se duas séries, ambas com sete equipas.

A mesma Ala da «M. P.» traz em disputa um campeonato de «volley-ball».

ESTA para breve a fundação de duas novas associações distritais de futebol — a da Guarda. Existem há anos alguns núcleos desportivos espalhados por aquêle distrito. Mas tem sido difícil constituir a sua associação. E talvez um pouco tarde. Mas vale mais tarde que nunca!...

ESPANHA tem um grande treinador nacional de natação — Henrique Granados. A acção de Granados, que é auxiliado por sua esposa, antiga nadadora, tem-se dividido entre Barcelona e Madrid. Pois Granados voltou agora a Madrid, quasi inesperadamente.

Foi Granados que revolucionou Madrid há anos, em natação, criando ali, à custa de perseverança, em poucas épocas, um núcleo magnífico de campeões. A rivalidade Barcelona-Madrid em natação começou com a ida de Granados para a capital do país vizinho.

Sendo um excelente treinador, é, especialmente, um grande propagandista — de natação.

E esta propaganda — pelo facto e pelo exemplo — é sempre a melhor.

ENCONTRA-SE em disputa uma prova de tiro reduzido que é das mais animadoras — a taça «Manuel Castelo Branco», organizada pelo Casa Pia Atlético Clube, sob o valioso patrocínio de «O Século». Reuniu a inscrição de inúmeros atiradores e muitas senhoras; e mereceu a representação do Pôrto.

O Sport Algés e Dafundo começou já o seu habitual torneio de inverno, em natação. E apenas inter-sócios. Mas costuma ser animado e ter notável reflexo na preparação da época de verão.

FALOU-SE por vezes em crise no Estoril Praia, por causa de não ser mantido o seu direito de entrada na II Divisão do campeonato nacional de futebol. Parece, afinal, que não foi crise — mas aborrecimento. As coisas arrumaram-se, todavia, em bem — ainda que por enquanto. O Estoril Praia entrou no torneio — e registou uma boa vitória.

O Campeonato da II Divisão reuniu 99 clubes. Para esta conta, seria preferível atingir a centena... Era conta redonda... Parece-nos, todavia, clubes de mais para um meio desportivo que ainda é pequeno. Há muitos, mas não se dá saída a quem vencer. Para subir à I Divisão, há apenas o recurso do campeonato regional. E éste, mesmo assim, para os clubes das oito associações. Os outros terão — que marcar passo.

APOSTOLADO DESPORTIVO

NO final do banquete de homenagem a António Ribeiro dos Reis, pôs éste nosso presado colega em relevo a obra realizada por um dirigente do Sporting Club de Espinho, o sr. Joaquim Moreira da Costa Júnior, o qual tem tantos anos de presidente da direcção do Espinho como os que esse clube conta de preciosa existência. Joaquim Moreira da Costa Junior foi já festejado por tal facto, quando completou as suas bodas de prata de director. Já se prestou justiça pública ao que elle fez, num quarto de século, a favor do seu clube e do desporto. Não é, porém, supérfluo voltar a falar dele — e da sua actividade.

O Sporting Club de Espinho tem um passado brilhante. Foi dos bons núcleos do Associação de Futebol do Pôrto, antes da fundação da associação regional de Aveiro. Pelas suas linhas passaram jogadores que se distinguiram, depois, em vários clubes portuenses. Alguns envergaram, por vezes, a camisola representativa de várias selecções. E, ainda, um dos melhores clubes do distrito de Aveiro e tem instalações dignas de um bom clube da especialidade. Tudo isto se deve, em grande parte, à obra realizada por Joaquim Moreira da Costa, à custa do seu espirito de iniciativa e sacrificio.

Joaquim Moreira da Costa Júnior, sendo um exemplo magnifico de quanto amor se pode dispensar a um clube, vale, também, como simbolo de um tipo de dirigente que vai rareando. A sua acção tem, na verdade, muito de apostolado.

Vem dos primeiros tempos do desporto o dirigente-apóstolo, que à função ingrata de dirigir qualquer colectividade tinha de juntar, pela forma imperiosa das circunstâncias, ou pela vibração especial do seu entusiasmo, outras funções porventura secundárias. Alguns desses dirigentes foram tudo no seu clube, por vezes até ao mesmo tempo: atleta, treinador, organizador, propagandista, reclamista, cobrador — e director. Fez-se, assim, triunfar muita ideia que parecia sem condições de vida. Realizaram-se obras que podem ser classificadas de admiráveis, para os modestos recursos financeiros de várias colectividades. A dedicação pela causa operou verdadeiros prodígios. E o dirigente-apóstolo tinha sempre do desporto uma concepção que podia não ser completa na amplitude de objectivos que correspondem à prática dos exercicios físicos, mas que computava noções apreciáveis de nobreza e desinteresse.

Rareia presentemente éste tipo de dirigente. Não abunda nos grandes centros. Mas a provincia vive ainda, em boa parte, do esforço desinteressado e porfiado de alguns dirigentes. O exemplo de Joaquim Moreira da Costa Júnior, em Espinho, é dos mais curiosos. Há, felizmente, muitos outros, por esse país fóra. Saudemos nêle, todavia, todos os que encaram a actividade dos clubes e os orientam como núcleos de uma larga obra de apostolado. O desporto precisa ainda de viver do proselitismo dos seus melhores elementos. Será sempre útil o que se fizer, nesse sentido.

O banquete oferecido a António Ribeiro dos Reis foi, debaixo de vários aspectos, excelente e oportuna festa de camaradagem, constituindo, de certo modo, uma parada de figuras de grande relevo — no Benfica e no desporto nacional.

Algumas das figuras históricas do antigo Sport Lisboa vão talvez esquecendo um pouco — por não aparecerem com frequência. Quem não aparece, esquece!...

REGISTEMOS alguns nomes — Félix Bermudes, notável homem de teatro, um dos fundadores do clube e jogador de alguns dos seus primeiros grupos; Cosme, que já vai sendo o velho Cosme, o homem que, segurando o Benfica num momento de crise, lhe deu depois possibilidade de se transformar num grande clube; e José Domingos Fernandes, que transitou do «onze» escolar da Casa Pia para a categoria de jogador de plano excepcional, e que fez ainda parte da selecção que esteve no Brasil, em 1913.

ENTRY as mais novas de uma geração que passou há um bom par de anos, e que, em futebol, deu inúmeras tardes de glória ao Benfica, apontamos: Ribeiro da Costa, Vitor Gonçalves, António Pinho, Vitor Hugo, Jorge Tavares, António Câmara Adão, José Simões, etc. Outros não apareceram. Mas, como Alberto Augusto e Jesus Crespo, — uma «asa» famosa! — mandaram telegramas.

ABUNDAVAM, pois, as figuras do passado do Sport Lisboa e Benfica em grande número de desportos — de um passado que chega a ser recente. O banquete foi oferecido ao capitão Ribeiro dos Reis. Mas a simpatia, em saudosas evocações de melhores tempos, foi, em especial, para o Ribeirinho...

VALE a pena recordar o Ribeiro dos Reis de quando era apenas Ribeirinho... O diminutivo vem do tempo da sua iniciação nas coisas de desporto. Muito novo, à volta dos dezassete anos, entrou no desporto com o pé direito — o pé com que sempre se ageitou mais... Era, então, um menino prodígio, passa o termo. Jogava futebol, escrevia no «Sport de Lisboa» e aparecia a representar o seu clube em funções de certa importância. Foi um valor que despertou cedo — e que se tem afirmado sempre com brilhantismo.

EM Espanha, o campeonato da II Divisão tinha, antigamente, o mesmo número de clubes que havia na Divisão Superior. Por causa das dificuldades provenientes da falta de receitas compensadoras, agruparam-se os clubes por forma e reduzir as despesas com os transportes — e formavam-se três séries de 8 clubes para três grandes regiões.

Com menos clubes, deve haver mais equilibrio de valor. E éste equilibrio contribue para despertar o entusiasmo do público.

ANO XI — LISBOA, 20 DE JANEIRO DE 1943 — II SÉRIE-N.º 7

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor

DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da

SOCIEDADE «REVISTAS GRÁFICAS», L.D.A.

REDACÇÃO E ADMINIST.: T. Cidadão João Gonçalves, 19-3.

Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.

Composição e impressão litográfica na GRÁFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

REFLEXOS...

Superstições?—Não!
Presentimentos...

HANDBALL

Notas e comentários

O acontecimento desportivo da última semana, com direito a figurar em quadro de honra, foi a viagem do Director Geral dos Desportos ao norte do País.

Viagem de inspecção, bastante mais viagem de estudo, é a primeira que o chefe do desporto português efectua oficialmente àquela região. Deve assinalar-se o facto, até em rigorosa observância cronológica. Quasi com seis meses de vida, a Direcção Geral dos Desportos tem desenvolvido metódicamente um plano de trabalhos, que a honram — e atestam do critério que a ela preside.

O Pôrto primeiro, Braga depois e de novo o Pôrto, receberam em alvorço a embaixada do sul. O Director Geral teve luzida recepção e carinhosa demonstração de simpatia. O tenente-coronel Salvação Barreto criou em seu redor um ambiente de instintivo desejo de colaboração. Não surpreende, portanto, que o norte o tenha recebido festivamente.

Visitou várias agremiações, presidiu em Braga a uma conferência do presidente da Comissão Central de Árbitros, «double» de seleccionador nacional, inteirou-se do movimento do desporto português, e assistiu alfin ao jogo Pôrto-Sporting. Aproveitou excelentemente o tempo e decerto, depois do que viu com tanto interesse, já «in-mente» traçou deliberações, cujo alcance e efeito não tardarão a ser conhecidos.

Felicitemo-nos, pois, gente do desporto, por vermos consumada uma aspiração antiga — e pela qual tantos batalharam: a de que era necessário — mais ainda, vital! — que se dessem rumos novos, saões, à ideia desportiva, expurgando-a de mazelas e libertando-a de feudos — sempre perigosos — e por isso mesmo incompatíveis com a Causa.

Hoje o desporto, felizmente, navega já em mar tranquilo e entre que a timoneiro que jamais se impressionaria com qualquer procela!

*

Por certo já repararam que as senhoras estão voltando aos campos de futebol, onde há uma dezena de anos nunca faltavam a compartilhar do entusiasmo, a formar até (o antigo campo do Sporting, com o «chalet» onde se juntavam as famílias de sócios, continuiu o exemplo mais notável) autênticos, ruidosos, mas correctos orfeões...

Com o tempo — com o mau tempo que assolou o desporto (no caso citado, o futebol) as senhoras desapareceram. Compreende-se. Até os homens ordeiros, gente de bem que ia buscar uma distração ou um estimulante espiritualmente bem doseado, tinham de admitir a possibilidade de, onde quer que se encontrassem, até nos lugares mais caros — não mais cómodos — sofrerem dissabores e serem desfeiteados. Desertou muito público, a mal da modalidade.

O público arredo reconcilia-se e nêe estão as senhoras tranquilizadas pelo que têm lido e ouvido. Sente-se que há autoridade, respeito mútuo, civismo.

Reflexos apenas, simples reflexos, duma Ideia Superior, a governar o que desgovernado andava!...

LANÇA MOREIRA

Hoje, com a vida intensa, preenhe de preocupações de maior monta e do mais flagrante realismo, vão sendo cada vez mais raros os grandes supersticiosos, os supersticiosos convictos. Pouca gente se preocupa, já, com as facas em cruz ou em ouvir o nome de certo reptil e raros mudam de rumo para evitar pisar sal ou não passar debaixo duma escada encostada à parede.

(O azeite entornado é que continua a ser azar, observado pelo lado da carestia da vida... Treze à mesa, também... Para o dono da casa sempre é preferível que sejam doze, ou ainda menos...)

Contudo, todos temos as nossas pequenas «manias». Freqüentes vezes desabajamos por entre dentes, ao deparar-se nos um dos nossos inimigos íntimos: «Pronto; lá perdi uma c'roa... Já o dia me começa a correr mal!».

Isto significa que, por muito alheios que sejamos a superstições, há sempre pequenos factos, certos encontros, que encaramos como maus ou bons preságios.

Nestas condições despertou-se nos a curiosidade de auscultar o que vai no intimo dalguns dos nossos desportistas — dirigentes, praticantes ou simples «doentes» — quanto a pequenos nada que interpretam como bons ou maus prenúncios para os próximos acontecimentos desportivos a que estão ligados pelo interesse ou pela acção.

Claro que a grande maioria se declara superior às superstições doentias e características que a tradição nos aponta.

No entanto, profundando bem, alguma coisa existe...

Confidências dos jogadores vimaranenses

O S primeiros a ser ouvidos foram os jogadores do Vitória de Guimarães.

No balneário, antes de defrontarem o Belenenses, os simpáticos campeões minhotos confidenciaram-nos as suas pequenas — e inofensivas «manias».

António José Machado (guarda-rêdes) diz que gosta de beber, antes dum encontro, um cálicezinho de qualquer bebida reconfortante e que procura sempre entrar em campo com o pé direito... Também se, logo de entrada, faz uma boa defesa, já não perde o jogo...

Lino Rocha (defesa direito) diz que se enerva se o jogo demora a principiar e que é raro perder quando a sua equipa é a primeira a marcar.

Para João Rodrigues (defesa esquerdo) ver um corcunda é bom preságio; o vento é «enguiço».

Zeferino Duarte (médio centro e «capitão» da equipa) também, como o seu guarda-rêdes, gosta de entrar no terreno com o pé di-

reito e tem a impressão de que perde sempre que joga sem o seu gorro.

Para José Maria (médio esquerdo) o resultado duma partida de bilhar que jogue antes dum desafio de futebol, «dita-lhe» o desfecho do desafio.

Miguel Dias (interior direito) confessa que é, para êle, de bom prenúncio verificar que existe, ao redor do terreno, grande expectativa e ambiente febril. Com o vento, tem «azar»...

Alexandre (avanzado centro) gosta de ver os colegas excitados, a fazerem «barulho» antes dum desafio. Mau sinal é quando há calma entre a equipa...

Arlindo Ribeiro (extremo esquerdo) é de opinião semelhante, mas se essa excitação representa desentendimentos ou «sarilho» à vista, — então, não — as coisas não correm bem...

Laureta (extremo direito) e Ferraz (interior esquerdo) absteram-se...

CONCURSO DO «GOAL DA VITÓRIA»
(ORGANIZAÇÃO DA «STADIUM»)

BOLETIM N.º 3

CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL 3.ª JORNADA	MARCADORES DO «GOAL DA VITÓRIA»
SPORTING — UNIDOS	
LEIXÕES — F. C. PORTO	
ACADÉMICA — BELENENSES	
BENFICA — VITÓRIA	
OLHANENSE — UNIDOS (do Barreiro)	
Nome do concorrente	
Morada	

NOTA IMPORTANTE: Os boletins que não tragam bem legíveis o nome o a morada do concorrente serão inutilizados.

Todos os boletins — Lisboa ou provincia — devem dar entrada na Redacção (Trav. Cidadão João Gonçalves, 19-3.º), imprerivelmente até às 18 horas dos sábados que precedem os jogos, como indicado na base 3.ª do Regulamento do Concurso.

O primeiro torneio que movimentou o handball nesta temporada terminou com a vitória do Unidos, que eliminou o Sporting e o Belegenses, respectivamente na meia final e final, vencendo em ambos os encontros pela diferença de um «goal».

Dos resultados dos jogos preliminares e da exibição dos grupos concorrentes, nada temos a acrescentar ao que já veio a público em outros jornais, nem é essa a função a que nos propomos ao escrever sobre a modalidade. Permitimo-nos ir um pouco mais longe, apontando a falha principal, notada durante os encontros que presenciámos.

É desagradável — não só em handball, como em qualquer outra modalidade — ouvir com freqüência o apito do árbitro e assistir às conseqüentes paragens do jogo. Há quem atribua esta pecha à actuação dos árbitros, por vezes com razão, mas poucos reconhecem a sua causa primordial — a insistência nos «driblings». De facto, a lamentável toada que os «teams» estão pondo em prática, abusando do batimento repetido da bola no solo, além de tirar belesa ao jogo provoca choques repetidos entre os homens — e daí os freqüentes «fouls» e as respectivas intervenções dos árbitros. O ponto a corrigir é, pois, a toada do «passe».

No handball, o «passe» curto e o «dribling» só devem ser utilizados como recurso e nunca como princípio basilar de técnica, porque, em nosso entender, o fito a atingir é chegar depressa à balisa e nunca originar demoras na progressão no terreno, nem esperar que os médios e defesas contrários congestionem a sua área de defesa.

Temos assistido a passagens velocíssimas de bola da defesa até aos atacantes, mas aí o ritmo é quebrado de forma a decair quasi sempre no corpo-a-corpo duro e agressivo por vezes. Este sistema, que reputamos absolutamente contrário à técnica a adoptar, tira toda a beleza ao jogo e dificulta até a actuação do próprio atacante, impossibilitado de rematar com êxito devido à aglomeração de jogadores contrários na área de lançamento.

Quem orienta os grupos deve, pois, insistir junto dos seus pupilos para que estes mantenham até final a toada de bola recebida, bola passada, em lançamentos longos e rápidos, de forma a fazer movimentar os médios e interiores contrários longe dos seus defesas.

Para exemplo, tomaremos a equipa do Sporting na sua temporada áurea. Muitos se não-de lembrar das exhibições desse grupo para nos eximir a fixar datas, e muitos ainda não-de reconhecer também que quando qualquer «onze» — por casualidade, não por sistema estudado — assim procede, está mais próximo do «goal» e longe do «foul»!

É claro que não se pode exigir ainda aos clubes que tenham já os seus «teams» devidamente afinados nesta altura da época, mas não é demais reconhecer que para atingirem a perfeição necessária muitas arestas têm ainda que limar.

ALVARO GASPARI



FUTEBOL



Relance da 2.^a jornada do Campeonato Nacional

Os jogos de maior interesse da segunda jornada do Campeonato Nacional disputaram-se no Pôrto e em Olhão, onde se exibiram, respectivamente, os campeões e os «segundos» da capital. A tarefa de uns e de outros não era fácil, como se viu...

Equipa que se reabilita

O campo da Constituição registou uma grande assistência (maior teria sido se o tempo não estivesse desfavorável) ávida de presenciar o embate dos «teams» campeões de Lisboa e do Pôrto, ambos com tradições e aspirações na prova.

A luta teve emoção, interesse até final e, mórmente da parte do F. C. do Pôrto, períodos de bom futebol.

A superioridade dos nortenhos na primeira parte foi nítida. Após o intervalo houve mais equilíbrio, isto devido, principalmente, ao abaixamento de Gomes da Costa e à relativa melhoria da linha média visitante, após a troca de Nogueira com o estreante Monis.

O interior direito dos donos da casa teve reaparecimento brilhante, distinguindo-se, a pesar de «Pinga» e Araújo terem estado excelentes e Correia Dias bem.

Segundo nos afirmam, o Pôrto jogou como nos seus melhores tempos. Apenas Valongo destoou, consentindo, mesmo, um «goal» — o segundo — de fácil defesa.

Além dos quatro avançados já citados pelo bem que actuaram, os defesas Baptista e Guilhar também merecem referência.

Azevedo em grande plano

No Sporting, os substitutos de Pirez, de Cardoso e de Canário não estiveram à altura da situação e quebraram nitidamente a unidade do conjunto, principalmente o açoreano Monis, que representou há anos o Carcavelinhos, e que começou por figurar no eixo da linha média. De resto, o trio intermédio foi sempre a formação mais fraca do «onze», facilitando enormemente as manobras dos atacantes antagonistas.

Valeu aos «leões» a magnífica exibição de Azevedo. Ele foi, por vezes, o único obstáculo sério que os nortenhos tiveram de defrontar.

O Benfica em apuros

Como se previa, os «encarnados» sentiram dificuldades em transpor o obstáculo de Olhão. Por vezes a equipa acusou desmoralização e a ligação não foi tão perfeita quanto seria de esperar.

Claro que, apesar de tudo, os lisboetas foram tecnicamente superiores e, só por isso, mereceram retirar-se com os pontos da vitória.

Martins fez-se aplaudir em três defesas de grande classe. Galvão parece em definitivo retorno de forma. Ferreira foi o melhor dos

médios. E na frente, Rogério e Julinho distinguiram-se.

Faltou um rematador...

Os campeões algarvios, com ambiente de feição, empertigaram-se, procuraram jogar de igual para igual, e, por vezes, desfrutaram, mesmo, de largos períodos de domínio territorial.

E claro que registaram um resultado altamente honroso, mas podiam ter ido, ainda, mais além...

Individualmente, estiveram muito bem Grazina e Abraão, principalmente o primeiro.

O empate teria sido, talvez, o desfecho mais justo, a estabelecer paralelo entre a melhor classe duma das equipas e o entusiasmo, não isento de técnica, da outra.

Um ataque em tarde inspirada

O Belenenses fez uma exibição agradável e, a pesar de ter desperdiçado bom número de oportunidades de «goal», chegou à dúzia naturalmente. O compartimento ofensivo nunca encontrou oposição forte e pôde realizar e insistir em jogadas do mais puro «association», evidenciando entendimento e ligação apreciáveis. Gilberto, com ótimo sentido de desmarcação e das oportunidades, apontou sete tentos. José Pedro continuou a afirmar as suas qualidades excepcionais. E Rafael, que reapareceu à extrema direita, sem ter marcado uma única bola teve, porém, grande cota parte no expressivo resultado atingido pela sua equipa.

As linhas atrasadas não tiveram dificuldade em cumprir.

Salvador, que também reapareceu, teve meia dúzia de intervenções fáceis.

Menos do que se esperava...

Os campeões minhotos deram fraca conta de si, mesmo com as

atenuantes de estranharem a largueza e a relva do campo.

Tiveram a virtude de não limitarem as suas ambições a uma defesa cerrada, mas, com o decorrer dos acontecimentos, foram demonstrando uma fragilidade que, francamente, não esperávamos e que, talvez, não traduzia com justeza as suas possibilidades.

O «team» pecou, também, pela ausência da noção do jogo de marcação, o que facilitou grandemente a facilidade de execução dos contrários. Apenas o guarda-rédes, nas dezenas de defesas que executou (temos pena de as não ter contado...), se evidenciou. Nalguns dos tentos sofridos, porém, podia ter agido com maior decisão.

Resultado previsto

Em Santa Cruz, com chuva abundante e pouca gente, a Académica venceu folgadoamente a um Leixões sem grandes aspirações.

O ataque local sobressaiu, embora Alberto Gomes esteja ainda longe do seu máximo.

Digna de menção especial a actuação de Couto, o guarda-rédes dos visitantes.

Em família

No Lumiar-A, o encontro dos dois Unidos, presenciado por assistência reduzidíssima, decorreu em ambiente familiar e deu a vitória folgada dos lisboetas.

A despeito de ter marcado muitos «goals», o ataque dos vencedores esteve longe de agradar. A linha média e Leonel é que sobressaíram.

Dos barreirenses, o médio-centro Camilo e os dois interiores, João da Palma e José Henriques, bem. Este último, quando a avançado-centro, é que marcou os três tentos da sua equipa.

O extremo esquerdo, José Luís, pareceu possuidor de forte «shot».

O guarda-rédes, segundo nos afirmaram, jogou muito menos do que sabe e pode, estranhando, talvez, a

deficiente colaboração dos defesas, nenhum deles titular.

Parabéns aos árbitros

Duma maneira geral, os árbitros agradaram, especialmente Carlos Canuto, no Lumiar, e Carlos Fontainhas, em Coimbra. Vasco Ataíde, dirigiu a partida das Salésias, e Evaristo Santos a de Olhão.

Paulo de Oliveira, que apitou no Pôrto, foi, dos cinco, o que menos agradou.

Frize-se, com satisfação, que o nível das arbitragens se tem superiorizado ultimamente.

Reflexo, decerto, da melhor postura dos jogadores, que permite aos directores das partidas prestarem, agora, maior atenção aos lances técnicos das mesmas, ao invés do que sucedia antigamente, quando tinham de preocupar-se com acontecimentos de outra ordem...

Extremos direitos em branco...

Nos cinco desafios marcaram-se 39 bolas, assim distribuídas:

Pôrto, 2 (Correia Dias) - Sporting, 2 (Peyroteo e Cruz).

Benfica, 1 (Teixeira) - Olhanenses, 0.

Belenenses, 12 (Gilberto, 7; José Pedro, 2; Elói, 2; e Franklin, 1) - Vitória, 0.

Académica, 8 (Ferreira, 4; Armando, 2; Conceição, 1; e Gomes, 1) - Leixões, 2 (Zecas e Roberto).

Unidos, de Lisboa, 2 (Tanganho, 4; Rebelo, 2; Galho, 2; e Brito, 1) - Unidos, do Barreiro, 3 (José Henriques).

Coincidência a focar: nenhuma das 39 bolas foi apontada por qualquer avançado que alinhasse à extrema-direita! No entanto, nenhum deles jogou mal.

Para a História...

Pôrto: Valongo; Baptista e Guilhar; Anjos, Nunes e Alvarenga; Florêncio, Gomes da Costa, Correia Dias, Artur de Sousa e Araújo.

Sporting: Azevedo; Barrosa e Marques; Paciência, Monis e Nogueira; Mourão, Daniel, Peyroteo, Soeiro e Cruz.

Olhanense: Abraão; João Rodrigues e Zita; João Santos, Grazina e Castro; Moreira, Salvador, Loulé, Baptista e Gomes.

Benfica: Martins; Gaspar e Galvão; Alcobia, Albino e F. Ferreira; Rogério, Nelo, Julinho, Teixeira e Manuel da Costa.

Belenenses: Salvador; Simões e Feliciano; Amaro, Gomes e Serafim; Rafael, Elói, Gilberto, José Pedro e Franklin.

Vitória: Machado; Lino e João; Castelo, Zeferino e José Maria; Laureta, Miguel, Alexandre, Ferraz e Arlindo.

Académica: Vasco; Lopes e Antunes; Lomba, Oliveira e Octaviano; Mical, Gomes, Armando, Conceição e Lemos.

Leixões: Couto; Mário e Henri-

(Conclue na pág. 11)

A Voz de Londres fala e ...o mundo acredita

B. B. C.	10,45 Noticiário	{ 24,92 m. — 12,04 mc/s 19,76 m. — 15,18 mc/s 13,86 m. — 21,64 mc/s
	12,15 Noticiário	{ 24,92 m. — 12,04 mc/s 19,76 m. — 15,28 mc/s
	12,30 Actualidades	{ 13,86 m. — 21,64 mc/s
	21,00 Noticiário	{ 42,11 m. 7,125 mc/s 41,75 m. 7,19 mc/s 31,75 m. 9,45 mc/s
	21,15 Actualidades	{ 30,96 m. 9,69 mc/s 261,10 m. 1,149 Kc/s 1.500,00 m. 200 Kc/s

MARIA CLARA

Mais uma desportista que surge no palco...

A entrevista começou sem pressões, num à-vontade aliciante, e cedo se transformou em cavaqueira amena, na qual tomaram parte a artista-desportista, sua mãe e o jornalista.

Dissertando com inteligência sobre o seu desporto favorito, Maria Clara revelou-se forte na técnica do «ping-pong», demonstrando possuir radicada personalidade como jogadora. A sua exposição clara e fluente cativou-nos; a forma como se referiu às suas amizades no meio



recreativo, a sua admiração por Manuel Neves, seu treinador e professor — a quem ela deve, não só o que sabe, mas os seus triunfos — deixaram-nos a melhor das impressões. Abordando os seus jogos, teve o melhor elogio, desportivamente, à sua amiga e «rivals» Maria Helena de Sá, apontando-a como uma das melhores jogadoras «ping-pongistas» da capital, adversária de respeito e invencível.

E embora somente nos interessasse o aspecto desportivo da actriz Maria Clara, quando lhe inquirimos da maneira como havia sido recebida pelos seus novos companheiros de trabalho, rendeu encómios à sua urbanidade, aos merecimentos de cada um, aos carinhos de que tem sido rodeada por todos, desde o mais modesto ajudante electricista até ao actor mais cotado. E, como pormenor, recordou a prenda que lhe ofereceu Ribeirinho, em cumprimento da sua promessa, se ela «andasse bem» na estreia: uma boneca tóda «gira», a «Cachucha»!...

Extremamente agradável no trato, Maria Clara conquista pelo seu sorriso gracioso, pela simpatia que irradia de si e se espalha em redor. De naturalidade e singleza surpreendentes, Maria Clara deu-nos a conhecer as suas «adorações», os seus gostos: o bilhar russo, a natação — embora só saiba «boiar», — o remo, as violetas, as bonecas...

Criada num ambiente familiar, Maria Clara, que tem vivido somente para os seus e para o desporto preferido, sente receios pela profissão que pensa abraçar. Daí o facto de ser ainda uma incerteza a sua continuação no teatro, onde tem o lugar conquistado na difícil plateia do teatro Sá da Bandeira. Lisboa será o delírio, a apoteóse dos grupos desportivos e recreativos à sua camarada.

MÁRIO AFONSO

Stadium na Capital do Norte

COISAS E LOISAS

TIRO REDUZIDO

ENTRE as modalidades que mais progrediram nos últimos tempos, no Norte, figura o tiro reduzido.

Diferente, na sua técnica, do tiro aos pombos ou aos pratos, o tiro reduzido, de mais fácil acesso às mãos dos seus praticantes, conquistou lugar destacado entre as diversas modalidades desportivas.

Tiveram algumas colectividades a gentileza de organizar provas inter-jornalistas desportivos, não sob o aspecto individual, mas constituindo turmas representativas de cada jornal. E, assim, muitos daqueles jornalistas que, por idade ou por falta de tempo, não praticavam qualquer outra modalidade, quando se tratava do tiro ao alvo não deixavam de se inscrever para disputar o torneio.

Eram provas interessantes, que serviram para revelar bons atiradores, tendo mesmo alguns chegado a atingir um grau de regularidade que causava admiração.

Era bom ou mau o critério seguido para a formação das equipas? Não se trata disso neste momento. Por agora queremos somente recordar esses torneios — em especial o que foi disputado no Clube Fenianos e no qual se chegou a fazer fogo em duas posições: deitado e de pé.

Stadium fêz-se representar em todos esses torneios e obteve classificações muito honrosas. Nós, que lutámos noutra equipa, recordamos ainda, com prazer, essas horas de boa camaradagem.

Bons tempos, que já lá vão — mas que hão-de voltar em breve.

Até lá, os «campeões», as «deras» do tiro reduzido, terão de dar-se ao trabalho de não deixar enferrujar as espingardas, dando um tiro ou outro, para não perderem a «forma»...

ROBERTO AMAL

DESPORTIVISMO

CRIOU-SE esta palavra no dicionário do desporto para assinalar a exibição correcta, disciplinada e civicamente educada dos praticantes das diversas modalidades desportivas. E, desde que foi criada, todos passaram a empregar-lá, com mais ou menos rigor, com mais ou menos sentido etimológico.

Assim, passou a dizer-se que tal ou tal desportista e que este ou aquele grupo aceitou a derrota com desportivismo. O mesmo era que significar correcção e disciplina — reconhecendo-se inferior, embora de momento, mas não tirando ao triunfo adversário o valor intrínseco da vitória.

Pela exagerado uso que lhe foi dado, passou a constituir uma banalidade, a pontos de, actualmente, quasi não ter aquele realce que a palavra merece pelo seu conceito.

E o desportivismo deixou de existir como palavra de ordem, como razão essencial do desporto. Era como tantas outras que as necessidades do desporto criaram, que fêz sua época, como qualquer moda feminina, para depois se perder nas nuvens do esquecimento, do ostracismo e da incuria.

No seu apogeu, motivou a criação de medalhas de correcção desportiva, de inquiritos ou de concursos de «o mais correcto jogador», — como se o ser-se correcto e disciplinado fosse causa ou titulo legitimo ou suficiente para se ser condecorado ou apontado às massas.

Antes era manifestação anti-desportiva, pois se no atleta devem reunir-se todas as boas qualidades, não existe razão forte para premiar quem não faz mais que o seu dever.

E justo que se distinga o atleta que pela sua dedicação clubista, pelo amor à modalidade que pratica, pelo esforço em pretender fazer cada vez melhor, disso se torne merecedor. Mas premiar a educação cívica — achamos disparate...

F. B.

AR CÉNICO

CONSELHO DE AMIGO...

ESTREOU-SE no Pôrto, há dias, a nova actriz Maria Clara — gentil desportista, que assinou o mais definido êxito no papel de protagonista da opereta popular «A Costureirinha da Sé», a qual, diga-se de passagem, é sem dúvida o melhor trabalho dos comediógrafos tripeiros Arnaldo Leite e Heitor de Campos Monteiro.

Há muito quem diga para aí que Maria Clara tem assegurado, pelos seus dotes artísticos, o seu futuro no teatro. Não se fie em «cantigas», Maria Clara! Volte, alegre e sorridente, para o seu grupo de «Os Combatentes», não tenha ilusões! O teatro é uma espécie de feitiço para os que estão de fora, mas, uma vez olhado do palco para a platéia, a «paisagem» é muito diferente. Lembre-se sempre do «ar cénico», que é, ao mesmo tempo, veneno que mata — pelo menos as ilusões.

Quere um conselho de amigo?

Se pretende estar em contacto com o público, essa eterna criança que tão galharda e sinceramente a recebeu, vá para a Rádio, já que que é tão fonogénica como se verifica pelos seus discos que todas as emissoras do Pôrto tantas vezes mandam para o ar.

O teatro não é, como muitos supõem, vida alegre e descuidada. Tem espinhos que se enterram pela carne dentro, e de forma a nunca mais saírem, dilacerando sempre.

Quere um exemplo de uma rapariga cheia de valor, na revista, na opereta, na declamação, em «music-hall», etc., mas que passa mais tempo desempregada do que a trabalhar? É Virginia Soler. Porquê? Ninguém sabe. Quem nos diz que à Maria Clara não venha a suceder o mesmo. De momento, é o que se afigura ao

CARVALHO DO NORTE

EFEMÉRIDES

No dia 23 faz justamente 23 anos que subiu à cena no Teatro Avenida a célebre opereta «João Ração», de João Bastos, Ernesto Rodrigues e Félix Bermudes, — uma das coras de glória do actor Estêvão Amarante.

No dia 25 faz 42 anos que se apresentou, pela primeira vez, no antigo D. Amélia (S. Luiz), a «Severa», do eminente homem de letras e dramaturgo Dr. Júlio Dantas. A protagonista foi desempenhada pela saudável Angela Pinto, e noutros papéis trabalharam os irmãos Rosas, Henrique Alves, António Pinheiro, Maria Pia e Maria Falcão.

Isto é que era um conjunto de valores!...

No dia 26 faz 17 anos que morreu Ernesto Rodrigues, um dos três da célebre parçaria lisboeta que tantos e tão bons trabalhos nos deu.

No dia 27 faz anos — não se diz quantos, é claro — a actriz Maria Salomé Pinto de Campos. É tripeira de gema. Conheço-a de muito pequena. É um valor no teatro declamado. Parabens.

AFINAÇÕES

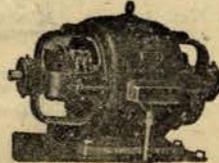
e reparações em automóveis, motos, motores, tractores etc.

Reparações em aparelhos de T.S.F., acumuladores, magnetos, etc.



BOBINAGENS

de motores, dinamos, alternadores, ventoinhas, etc., grupos electroge-nos — electro bombas.



COMPRA E VENDA DE MOTORES, DINAMOS, VENTOINHAS E TODO O MATERIAL ELÉCTRICO

ESCRITÓRIO: Avenida Almirante Reis, 37-1.º — LISBOA

AZEVEDO ENCONTRA UM SUBSTITUTO...

BARRIGANA

novo "keeper" do Sporting



A região de Setúbal tem dado um excelente contributo para o desenvolvimento e expansão do futebol português. São em número considerável os jogadores naturais do distrito que conquistaram os galões de «internacionais». E outros, que não tiveram essa honra, podem ser apontados como dos melhores futebolistas do país. Clubes como o Vitória e o Barreirense — a enfileirar ao lado das mais cotadas colectividades nacionais. Jogadores como João dos Santos e Armando Martins; Ernesto Viegas e Artur Augusto; Anibal José e Raúl Jorge; Octávio Cambalacho e Francisco Silva. Nomes grandes do desporto. Mais modernamente: João Azevedo e Pedro Pires; Soeiro Vasques, José Simões e Armando Ferreira. Tudo figuras gradas do futebol. E Cipriano Santos. E João Jurado. ¿Quantos mais? Muitos — que a lista é longa...

O Barreiro, então, parece uma «fábrica» de jogadores de futebol! E a juntar à lista aparecem agora um novo elemento, em quem os técnicos vêem grandes possibilidades de progresso, nêle depositando suas fundadas esperanças. Trata-se de Frederico Barrigana — o novo «keeper» do Sporting; e — quem sabe? — talvez o futuro guarda-rêdes da selecção nacional...

É um rapaz ainda novo — que está na idade própria das esperanças da mocidade! Mas é também um bom «keeper», com excelentes qualidades para o desempenho do lugar. E amigo de aprender — que é já uma partícula de êxito, uma condição indispensável para os que pretendem ser «qualquer coisa» na vida! Frederico Barrigana é daqueles que têm vontade de ser alguém, não desdenhando conselhos de mestres do futebol — antes pelo contrário... Aplica-se com entusiasmo — quer nos treinos, que segue com o maior cuidado, quer nos desafios em que toma parte. E mestre Szabo, que tem fama de ser um bom «fabricante» de guarda-rêdes, vê nêle um discípulo muito capaz de honrar o mestre...

De resto, o antigo «keeper» do Unidos do Montijo é um verdadeiro atleta — que precisa, contudo, desenvolver-se e pôr as suas qualidades naturais em acção — e, ao mesmo tempo, um rapaz disciplinado por natureza. Desenvolvidas as suas faculdades — que são muitas — pode vir a ser um bom «keeper».

Manhã nebulosa e fria. No Lumtar, treina-se, sob as vistas do «mister». Paelência e Mourão. Peyroteo e Candário. Marques e Azevedo. Outros elementos mais, do «team» principal do Sporting. Lá está Barrigana! A sua figura atlética agiganta-se e avulta entre as balizas! Dois braços «enormes» — de uma envergadura que até faz impressão! Tronco forte — com seu quê de hércules mal ginsticado... E aqui temos um rapaz bem proporcionado fisicamente — mas para quem a ginstica foi sempre uma «coisa» rudimentaríssima...

Vêmo-lo treinar. Vai sem esforço às bolas que lhe «shotam» — com facilidade, que só a sua elasticidade permite... Tem, evidentemente, defeitos! Mas como as qualidades são inúmeras — e o atleta está ainda em embrião! — É possível aproveitá-las. Essa é a opinião unânime de quantos o têm visto jogar, e, principalmente, de Szabo — que nos garantiu vir a «fazer daquilo qualquer coisa!!!» Mas actua de tódas, prevalece a opinião que Azevedo tem de Barrigana...

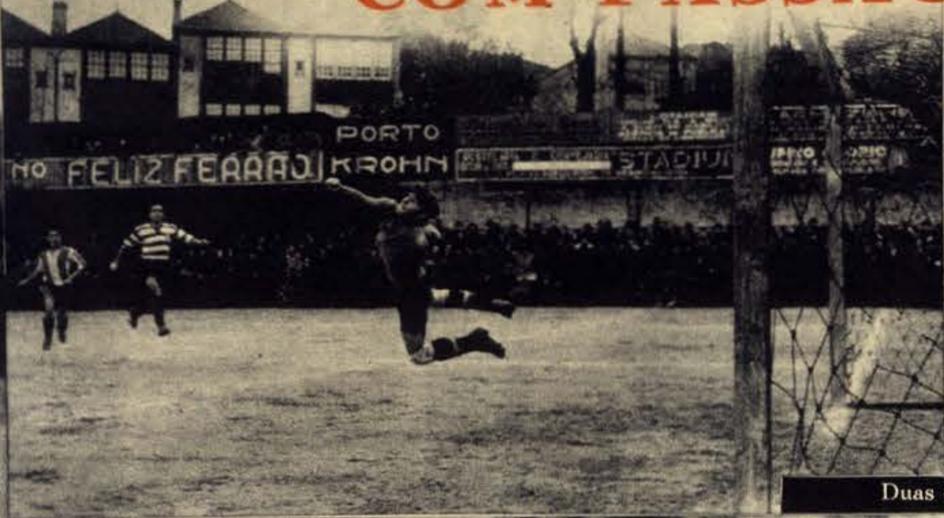
— É o único em quem vejo qualidades para me tirar o lugar!

Quere dizer: Azevedo confessa que encontrou um substituto...

Frederico Barrigana tem apenas vinte anos. Nasceu em Alcochete, a 4 de Abril de 1922. Apesar de ser alcochetano, tem feito a sua vida no Montijo — para onde foi aos quatro anos. É corticeiro de profissão. Começou a jogar futebol aos quinze — no «Fura Rêdes», um grupêlo da rapaziada montijense. Aos dezassete «transferiu-se»

F. C. P. - SPORTING:
AZEVEDO
DEFENDE A SOCO

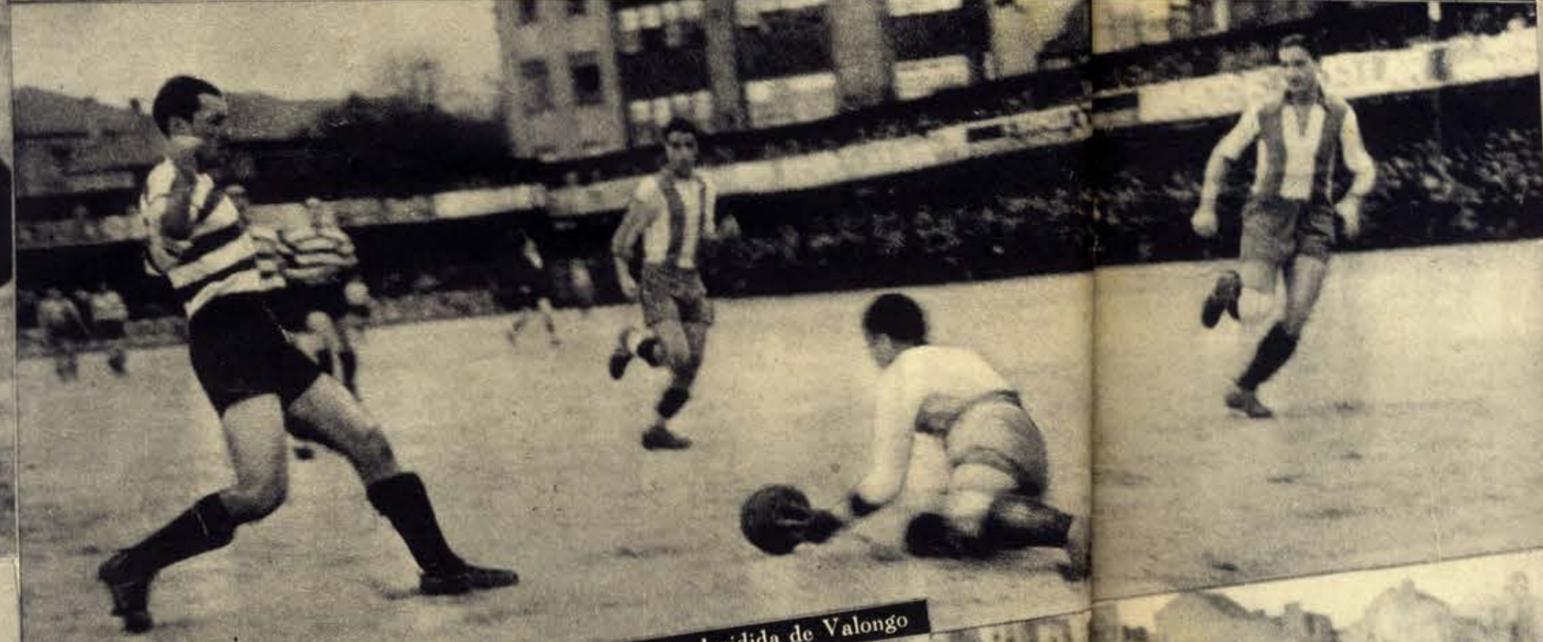
DO PÔRTO A OLHÃO... COM PASSAGEM POR LISBOA!



Duas defesas de Azeo



Nas Salésias: Gilberto esteve em tôda a parte. Ei-lo na "brecha



Mourão bateu os defesas mas não conseguiu evitar a entrada decidida de Valongo

*Diversas fases dos jogos
da segunda jornada do
Campeonato Nacional
de Futebol - 1.ª Divisão*



O sr. Director Geral dos Desportos assiste ao jogo
F. C. Pôrto-Sporting



Como se viu um "corner,"



Como Eloi fez



Manaus, Vitória: Uma bela estirada de Machado



No Lumiar A jogou-se "em familia,"... Uma fase do encontro

MAIS ALGUNS INSTANTÂNEOS DOS JOGOS DA 2.ª JORNADA DO CAMPEONATO DE FUTEBOL



PEYROTEO marca o 1.º "goal" do Sporting



Em Coimbra, entre o Académica e o Leixões, a disputa da bola fez-se com ardor



Uma animada fase no Olhanense-Benfica



NO CAMPEONATO DE FUTEBOL DA ALA 2 DA "MOCIDADE PORTUGUESA"

Os grupos da Escola Vuige Beirão, Escola P. Dona Maria Pia, Pupilos do Exército e Escola Ferreira Borgos, que disputaram os jogos efectuados no passado domingo



TRINTA E DOIS CLUBES

disputam o 16.º campeonato de Lisboa de «basketball»

DEPOIS do futebol — deve ser o «basket» o desporto que arremetida maior quantidade de praticantes. Está, na verdade, disseminado por todo o país, desde o Minho ao Algarve. E é, mesmo, a seguir ao chamado «desporto-rei», aquele que tem mais voga — o que mais depressa se vulgarizou entre nós. Isso explica-se, talvez, pelo facto simples, mas notório, de ser de fácil adaptação e de se amoldar perfeitamente às características rísticas, ao temperamento dos desportistas portugueses. Tal circunstância verifica-se, de resto, noutras nacionalidades — pois o «basket-ball» é já hoje um desporto mundial, que se pratica (em mais larga ou menor escala) em diversos países. E a pesar de ser modalidade desportiva máscula, viril, as raparigas também o elegeram para as suas práticas...

O campeonato de Lisboa — o torneio mais antigo e o de maior importância, no aspecto de competição regionalista — entrou na sua décima-sexta fase. E está a disputar-se com o maior entusiasmo entre 32 colectividades. Ora como é repartido por três divisões e nele tomam parte cerca de cento e quinze «teams», segue-se que a

prova lisboense está sendo jogada semanalmente por um mínimo de seis centenas e meia de praticantes — número, realmente, apreciável e à ter em conta...

A competição subdivide-se em três Divisões: a de Honra (com os jogos de categoria principal às terças e sextas-feiras, à noite, no recinto coberto do Lisgás); 1.ª e 2.ª. Os jogos destas últimas — nas quatro categorias — disputam-se aos domingos e agrupam com os dos «teams» inferiores da divisão superior.

A prova entrou já na sua quarta jornada, estando a classificação actual, em «teams» principais da Divisão de Honra, estabelecida do modo que segue:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Benfica	3	3	—	—	124-79	9
Atlético	3	2	1	—	129-73	8
Lisgás	3	2	—	1	115-83	7
Carnide	3	2	—	1	101-79	7
Sporting	3	2	—	1	101-109	7
Belenenses	3	2	—	1	65-94	7
União	3	1	1	1	135-117	6
Maria Pia	3	1	—	2	97-98	5
Algés	3	1	—	2	102-114	5
C. de Ourique	3	—	1	2	76-117	4
Ateneu	3	—	1	2	102-153	4
Rio Séc.	3	—	3	—	73-133	3

Damos a seguir a lista dos campeões:

Épocas	DIVISÃO DE HONRA (ex-1.ª Divisão)	1.ª DIVISÃO (ex-2.ª Divisão)	2.ª DIVISÃO (ex-Promoção)
1927-28	Sporting	—	—
1928-29	Barreirense	Probidade	Barreirense
1929-30	Probidade	Belenenses	—
1930-31	Barreirense	Belenenses	—
1931-32	Barreirense	Carnide	—
1932-33	Barreirense	Internacional	Lusitano
1933-34	União	Rio Séc.º	Nacional Natação
1934-35	União	Casa Pia A. C.	Atl. Lisbonense
1934-36	Benfica	Campo Ourique	Lisgás
1936-37	Carnide	Lisgás	Operário
1937-38	União	Cuf	Poço dos Negros
1938-39	União	Carcavelinhos	Boa Hora
1939-40	Benfica	Ateneu	Atl. Moscavide
1940-41	Unidos (ex-CUF)	Algés	Maria Pia
1941-42	União	Maria Pia	Operário

F U T E B O L

(Conclusão da pág. 5)

ques; Almeida, Adão e Augusto; Macarrão, Roberto, Simas, Rodrigues e Zeca.

Unidos, de Lisboa: Eduardo Santos; Marques e Leonel; Baptista, Carlos Pereira e Félix; Osvaldo, Rebelo, Tanganho, Brito e Gralho.

Unidos, do Barreiro: Simões; Floriberto e Ângelo; Seixo, Camilo e Fragata; Fernandes, João da Palma, Joaquim Barulho, José Henriques e José Luís.

CARLOS CORREIA

luta, constituiu resultado de sensação.

Resultados:

Sanjoanense-União Lamas, 7-0.
União de Coimbra-Sport, 6-1.
Naval-A. Académica (R.), 3-0.
Santa Clara-Calhabé, 1-0.
S. L. Covilhã-S. L. Castelo Branco, 3-3.
Albicastrenses-Sp. Covilhã, 0-6.

Agora o

Grupo C

Foi neste agrupamento que se registaram, na generalidade, os resultados mais equilibrados. Fósforos e Atlético, os dois clubes da I Divisão da A. F. L., conseguiram reabilitar-se dos desaires da primeira «ronda». Ambos ganharam sem margens para dúvidas. Como surpresa, o empate imposto pelo Chelas aos estorilenses.

Resultados:

Ferrovários-Sp. Tomar, 0-1.
Águia Vilaf.-Operário Vilaf. 0-1.
Sacavenense-Operário, 4-2.
Atlético-Belenenses (R.), 4-1.
Marvilense-Olivais, 3-2.
Chelas-Estoril, 2-2.
Barreirense-Benfica (R.), 1-0.
Unidos (R.)-Luso Barreiro, 8-1.
Amora-Seixal, 3-0.
Fósforos-Unidos, Montijo, 6-0.
Aldegalense-Casa Pia, 4-0.

Por último, o

Grupo D

Disputaram-se, apenas, dois encontros, ambos com o mesmo resultado, que deixa adivinhar luta equilibrada.

Os três encontros entre algarvios foram adiados.

Resultados:

Juventude-Estremoz, 1-2.
Luso, de Beja-Moura A. C., 2-1.

ZÉ DO PEÃO

O torneio provincial da mocidade portuguesa

COMEÇOU a disputar-se, no penúltimo domingo, o campeonato escolar de futebol da Ala 2, que reuniu a inscrição de catorze centros, agora treze, dada a desistência do Liceu Camões.

Número interessante, tanto mais que se trata apenas de filiados dos 16 aos 18 anos, recrutados somente em estabelecimentos de ensino liceal e técnico, o que demonstra eloquentemente a vastidão da actividade da «M. P.».

Temos, portanto, em acção neste torneio para cima de cento e cinquenta futebolistas, melhor, cento e cinquenta estudantes que jogam futebol e a quem a «M. P.» proporcionou um campeonato dentro das melhores condições possíveis.

Inspecionados previamente pelo Centro de Medicina Desportiva e compenetrados de que a disciplina é a condição primeira para que o desporto seja útil e eficaz, os «avanguardistas» e «cadetes» que vemos no decorrer da competição, devem, por certo, continuar a oferecer-nos boas exhibições.

Resultados que se registaram: Maria Pia-Pedro Nunes, 1-0; Pupilos do Exército-Ferreira Borges, 10-1; Maria Pia-Veiga Beirão, 4-1.

mau tempo voltou a prejudicar a boa marcha do Campeonato Nacional da II Divisão. A Federação havia marcado para a segunda jornada 38 desafios, mas seis deles tiveram de ser adiados pelo motivo já apontado. A marcação de elevado número de «goals» constituiu a nota saliente da «ronda», que vamos analisar de relance. Começemos pelo

Grupo A

Depois dos encontros de domingo passaram a ocupar os primeiros lugares das várias séries e sub-séries, o Famalicão, o Candal e o Gaia, o Académico e o Leça.

Eis os resultados:

G. Vicente-Sp. L. Limarense, 4-1.
Famalicão-Vianense, 7-0.
Vitória Guim. (R.)-Vizela, 3-3.
Sp. Braga-Sp. Fafe, 2-2.
Gaia-Avintes, 2-1.
Vilanovaense-Coimbrões, 2-3.
Valadares-Candal, 2-7.
Ramaldense-Boavista, 1-4.
Académico-Desp. Aves, 8-0.
F. C. P. (R.)-Leixões (R.), 2-3.

Passemos ao

Grupo B

A vitória do Sanjoanense sobre o União de Lamas, mais pelo volume do «score» do que pelo desfecho da

patados para primeiro lugar, ambos com 21 pontos.

MARCHA

O XI Campeonato de Marcha da Catalunha revestiu-se de invulgar interesse. Vilaplana, sub-campeão da Espanha, chamou sobre si as atenções gerais e correspondeu ao que dele se esperava, pois foi o primeiro a cobrir os 30 quilómetros do percurso, gastando 2 h., 35 m. e 34 s.; Angel Vilanch, segundo classificado precisou de 2 h., 53 m. e 43 s.

PATINAGEM

COM a assistência de 10.000 pessoas, disputou-se recentemente, em Hamburgo, o campeonato alemão de patinagem artística. Marta Musilek, evidenciando nítida superioridade, foi, pela segunda vez, proclamada campeã da Alemanha. A luta para os lugares de honra provocou forte entusiasmo, sendo, por fim, estabelecida a seguinte classificação: 1.ª, Marta Musilek, 381 pontos; 2.ª, Inge Jell, 367; 3.ª, Madalena Mueller, 362; 4.ª, Gudrun Olbrich, 358; 5.ª, Hil-da Appeltauer, 354.



ATLETISMO

A Federação Internacional de Atletismo acaba de homologar, como «records» mundiais, nada menos de 38 «máximos» nacionais, estabelecidos por atletas de vários países.

A Suécia figura à cabeça com 21 «records», muitos deles devidos ao seu corredor Gunter Haegg. Segue-se os Estados Unidos (10) e a Alemanha (14).

O famoso atleta olímpico, de S. Francisco da Califórnia, Cornelius Warmerdan, detentor do «record» do salto à vara, foi considerado o melhor desportista de 1942.

CICLISMO

O jornal desportivo francês «L'Auto» dirigiu-se à Federação Francesa de Ciclismo solicitando autorização para levar

a efeito, de 4 a 25 de Julho próximo, a grande prova ciclista «Volta à França».

ESQUI

As tradicionais provas de esqui que se celebram em Munich, reuniram, este ano, trinta concorrentes. O melhor tempo registado para os 14 quilómetros do percurso pertenceu a Alois Kriker, com 1 hora, 5 minutos e 24 segundos.

Jens Jaeger foi o vencedor dos saltos, devido às suas melhores marcas: 41, 42 e 43 metros.

FUTEBOL

O campeonato italiano prossegue com regularidade. Depois dos encontros da última jornada, o Turin e o Livorno estavam em-

Bons princípios...

TÊNIS

O que será a nova época
no INTERNACIONAL

Intervalos...

Neste ano quarenta e três
muita «coisa» já se fez
em matéria de desporto!
Começou há poucos dias
com... duas «comedorias»
e o jogo Lisboa-Póvoa!!!

Há desportos em junção
p'ra apurar um campeão
nas modalidades pobres!
Basket, hockey, rugby, tiro...
Mas, de todas, eu prefiro
o futebol — que dá «cobres»!

Fica a gente sem saber
qual deles há-de «scolher»;
pois são tantos! — mais de mil...
Eu quero a... Prova Final
do Torneio Nacional
que vai para além de Abril!!!

O «box» também me tenta
pois dou, com prazer, noventa
ou cem «palhaços» p'ra ver!
Mas ver, afinal, o quê?
Se aquilão que a gente vê
nunca é... para valer!!!

Torneios da «Mocidade»!
Coisa linda — na verdade —
que lembra tempo passado...
Palestras de arbitragem
em que se presta homenagem
a quantos cumprem «seu fado»!

Confesso que 'stou ufano
pelo começo do ano
que segue a quarenta e dois!
Tem, é certo, bons indícios,
porque, enfim, os suplicios
hão-de vir muito depois...

ZÉCAS TLÃO

STADIUM começa hoje uma
série de artigos tendentes a
revelar aos seus leitores o
que vai ser a nova temporada teni-
stica, segundo os projectos dos
clubes praticantes da modalidade.

A época finda foi nitidamente
melhor do que as anteriores. Houve
mais provas, mais regularidade na
sua organização, proveitoso con-
tacto com estrangeiros e isso pode
ter constituído ponto de partida
para novos cometimentos. Para o
ressurgimento completo da modali-
dade impõe-se que os clubes e diri-
gentes prossigam na criteriosa orien-
tação aprovada em 1942.

Estarão dispostos a isso? A to-
dos, um por um, vai a Stadium
ouvir.

Cabe hoje a vez ao Clube Inter-
nacional de Futebol — colectividade
de que, no seu antigo campo das
Laranjeiras, proporcionou inesque-
cíveis jornadas de tenis, que foram
pretexto de tantas outras animadas
reuniões mundanas. Privado da
quele seu aprazível parque de jo-
gos, nem por isso o C. I. F. se
limita a viver da tradição brilhante
que tem na modalidade.

Agora, instalado na Estrêla, pro-
cura reconquistar a posição perdi-
da. E para isso trabalha sem des-
falecimento, disposto a todos os
sacrifícios para alcançar o seu fim.
Os efeitos da acção desenvolvida
são já notáveis, quer no aspecto
instalações, quer no campo da pre-
ferência que os jogadores dispen-
sam ao «velho» Internacional.

A secção é actualmente dirigida

por Alfredo Braga, Diamantino
Dias e Júlio Assis Esperança, este
como delegado da direcção. Mas
ao citar estes nomes não devem es-
quecer-se os de Luís Krusse Gomes
e Aníbal Vieira, respectivamente
presidente e vice-presidente do
clube, amigos dedicados do tenis
e do C. I. F., sempre prontos a
facilitar a missão dos primeiros.

A comunhão de idéias entre to-
dos é o segredo da obra útil que já
se pode registar. Sem esquecer o
clube, eles procuram valorizar o
tenis nacional. Só assim se com-
preende que no plano de trabalhos
se incluam em primeiro lugar o
tenis feminino e os principiantes.

Descobrimo valores

É das mais instantes necessida-
des do tenis nacional a descoberta
de novos valores. A organização
de provas destinadas a principian-
tes, excluindo delas aqueles que,
por vezes, evitam a classificação
da F. P. L. T., embora com valor
para a merecerem, pode ser o meio
mais fácil de revelar gente nova.

Por isso a primeira prova que
o Internacional vai promover se
destina a principiantes. Os moldes
de disputa a adoptar dependerão
do número de concorrentes, mas o
que está já assente é que a prova
servirá de selecção de valores. O
C. I. F. quer ter uma equipa de
principiantes que o represente ofi-
cialmente. Os jogadores mais em
evidência na organização prevista,
que revelem aptidões e obedeçam
a determinados preceitos, como a
idade, ser sócio do clube e se dis-
ponham a representá-lo, virão a
beneficiar de condições especiais de
treino e, para eles, o C. I. F. pedi-
rá a atenção dos dirigentes do
tenis português. A escolha apresen-
ta-se difícil, pois os torneios de
principiantes do Internacional car-
acterizam-se pelo elevado número
de concorrentes.

Tardes femininas

Uma das aspirações da secção de
tenis do C. I. F. é a da realização
das tardes femininas. Esta inicia-
tiva apresenta-se de larga projecção
no nosso tenis, pois a falta de jo-
gadoras é desoladora.

No desejo de fazer ressurgir o
ténis feminino, o Internacional con-
siderará convidadas as senhoras que
frequentem os seus «courts» em de-
terminado dia da semana. Nesse
dia, os «courts» «pertencem-lhes»
exclusivamente, sendo, no entanto,
permitida a exibição de «pares-mis-
tos».

Um torneio luso-espanhol

Os jogadores mais categorizados
do clube não são esquecidos. Para
eles projecta o C. I. F. uma prova
para a qual vão ser, possivelmente,
convidados alguns jogadores espan-
nhóis. Pensa-se no mês de Maio
para esta organização, cuja utili-
dade é notória para os jogadores
portugueses, pelo contacto que lhes
é proporcionado.

Outros planos

Nem só os três problemas pon-
tados preocupam os dirigentes do
tenis «internacionalista».

Os melhoramentos nas instala-
ções serão um facto. A constitui-

Humor «yankee»

SEM despimir para a conceitua-
da marca de automóveis que
se cita, vou transcrever de
uma anedota, de origem america-
na, ouvida há tempos.

Um sujeito que possuía um au-
tomóvel «Ford», antiquado, pen-
sou, determinado dia, substituí-lo
por outro, mais moderno, e fez
publicar num jornal o seguinte
anúncio: «Automóvel «Ford», mo-
dêlo tal, com algum uso, vende-se
por 300 dólares. Resposta a X.»
Ninguém lhe respondeu. Passada
uma semana repetiu o anúncio, mas
reduzindo o preço. 150 dólares. O
mesmo resultado. Depois pediu 75
dólares, 50, 25. Nem um único
pretendente... Como desejava, a
todo o transe, desfazer-se do seu
velho carro e ter a garage livre
para nela recolher o novo, que
adquirira entretanto, acabou por
oferecê-lo nos seguintes termos:
«Quem quiser um carro «Ford»,
modêlo tal, completamente de
graça, pode ir amanhã tomar con-
ta de um, que encontrará à es-
quina da 36.ª Avenida com a rua
X., e que o actual dono ali vai
deixar propositadamente».

E ficou a pensar na multidão
que havia de acorrer atraída pela
sua excentricidade...

Na manhã imediata, conduzindo
pela última vez o seu velho servi-
dor, o nosso homem dirigiu-se para
o local em questão, dispôs de
cumprir o que prometera. Grande
surpresa o esperava... Ao chegar
ali deparou, não com uma multi-
dão peões pretendentes a deixarem
de se-lo, mas com vinte e cinco
carros da mesma marca e do mes-
mo modêlo do seu, que outros
tantos automobilistas, aproveitando
a ideia do anúncio, lá haviam de-
ixado, para que alguém tomasse
conta deles...

C. C.



**Olhar cansado,
trabalho mal executado**

Não usem lâmpadas de fraco poder
luminoso; elas arruinam a vista. O
trabalho executado à sua luz deficien-
te, é dificilmente perfeito. Empreguem
lâmpadas de bom rendimento lumi-
noso. Instalem



PHILIPS

Economisar electricidade, sim, mas em prejuizo da vista, não.

ção definitiva das equipas, de
modo a evitar melindres, o horário
de treinos para os jogadores que
representem o clube, o apuramento
dos campeões das várias categorias,
a repetição do torneio de pares-
mistos, que nos dois últimos anos
constituiu um êxito — tudo isto
constituem assuntos que absorvem
a atenção dos mentores da modali-
dade dentro do clube.

*

Revelados os projectos do Inter-
nacional, é legítimo supor-se que
a actividade e a animação nos
«courts» da Estrêla, venham a ser
realidade. Pela nossa parte resta-
nos formular votos de que assim
venha a acontecer, não só para
prestígio do clube mas também para
desenvolvimento da modalidade.

DRIVE

**OLEGÁRIO
FERNANDES, L. DA**
OFICINAS GRÁFICAS

Trabalhos tipográficos em
todos os géneros

Consultem os nossos preços
222, Rua do Bemfornoso, 222-A
Telef. 20811
LISBOA

ESTAMOS ainda a três meses da data marcada para as primeiras corridas de estrada. Noventa dias, porém, não representam para um corredor que preza a sua preparação atlética, espaço de tempo longo de mais para treinos. Daí o ter já a maioria dos independentes iniciado as suas «saídas» de desentorpecimento e adaptação à mecânica de rolar. Não forçam, por enquanto, esses ciclistas a marcha, pretendendo fazer médias ou «tempos» sequer razoáveis. O que desejam é abater alguns quilos de gordura ganhos durante o período de repouso que se seguiu à última temporada de provas, ou apenas «criar boa posição sobre a máquina» a fim de lhes permitir, mais tarde, tirar o melhor rendimento a pedalar, que é afinal uma das maiores preocupações de quem corre.

Possivelmente só dois «aprupamentos» de Lisboa

Não são, infelizmente para a velocipédia, muitas as equipas que na próxima temporada alinharão nas provas de «ases». Que saibamos, de concreto, serão o Sporting e a Iluminante os clubes que no sul terão independentes.

Sangalhos continuará a ser, na região do centro, a única colectividade a ter estradistas da primeira categoria, cabendo ao F. C. Pôrto, com a possível companhia do Salgueiros e Académico, o encargo da representação nortenha. Mas vejamos por agora o que fazem já os independentes dos clubes alfaias.

Os leões já fora do solar...

Das hostes «leônicas», João Lourenço, depois de dois meses de gymnástica, «passeia», por enquanto, como ele próprio diz, mas já de guiador fundo e selim em posição rectificada, com multiplicações pequenas «boyaux» pesados.

Francisco Inácio, que passou o inverno em Linda-a-Velha, imitando o seu colega Lourenço a fazer alguns exercícios físicos, alonga-se em saídas até ao Casalinho, sua terra natal, onde a mantagem duma «casita de bicicletas» reclama por



Com vista à próxima época

Os corredores independentes principiaram já a «rolar»

vezes a sua presença. Teremos assim este ano menos um pedreiro e mais um comerciante...

Bartolomeu — feliz descoberta do Dramático de Cascais, que pode chamar-se um proveitoso «pesqueiro» dos «leões», pois Inácio também de lá veio — serve-se das estradas que circundam a «riviera portuguesa» para desentorpecer os músculos.

Quanto a Aristides Martins, já inscrito pelo Sporting, esse aparece-nos freqüentemente, com a sua inconfundível elegância sobre a máquina, a atestar que seus primeiros «passos» foram guiados pela mão de mestre Piedade, a pedalar nos arredores da capital.

Só de Trindade, feito lavrador em terras de Valada, nada se sabe.

Os «iluminantes» também já estão em actividade

Meticuloso ao máximo, submetendo-se mais que qualquer outro às ordens de Piedade, Eduardo Lopes, de carroto preso, aproveita os domingos para se alongar até Vila Franca, «sem pressas nem cuidados», mas cobrindo algumas dezenas de quilómetros em marcha suave e uniforme.

José Martins, em lua de mel de desportista convicto — curta e regrada — tem na sua deslocação quotidiana, do seu lar em Lousa para a Malveira, um bom prólogo de preparação. São 10 a 15 quilómetros diários, que muito lhe ajudam a facilitar os treinos longos e duros a que vulgarmente se submete.

João Rebêlo, que é o mais re-

nitente a principiar, já rola aos domingos e sempre que o tempo permite. E o seu constante contacto com Lopes deve ser-lhe bastante proveitoso.

Sem nunca ter abandonado a bicicleta, Alberto Raposo, embora ande a contos com a sua nova profissão — societário duma casa de aluguer de máquinas — também está «rolado», não tanto, por certo, como seus companheiros de equipa, mas é homem que pode «apertar» com os treinos e facilmente atinge a boa forma.

Talvez António Jacinto seja o que menos tem andado de bicicleta. As idas e vindas entre a capital e o seu burgo salioo nem lhe diminuíram o peso nem lhe deram a mobilidade de que tanto precisa. Todavia, Jacinto sabe obedecer e basta que o seu treinador obsequioso lhe diga que tem de «andar...» E então a sua *mabilia* — nome pitoresco que põe à bicicleta — passará a rolar com freqüência.

Tal como no Sporting, a Iluminante tem dois homens que, pelas suas ocupações, estão um pouco afastados do ambiente clubista que une as equipas: são José Ferreira e Duarte Sereno. Todavia, quando tocar a ordem de reunir, quer nos «leões» quer nos homens da camisola branca e azul, tudo comparece em condições de haver luta desportiva de bom quilate.

Esperemos, portanto, pelo mês de Março, sabedores desde já que os corredores independentes não descaram a sua preparação.

GIL MOREIRA

A FESTA ANUAL DO Grupo Desportivo da E. N. P.

NOITE de alegria e de festa — a de sábado último — para o pessoal do «Diário de Notícias». Celebrava-se, pela primeira vez, o aniversário do seu grupo desportivo. E por esse motivo promoveu-se um sarau de arte e desporto, no salão dos Bombeiros Voluntários Lisboenses. Casa cheia — sem um único lugar disponível. Ambiente de animação — que se prolongou pela noite adiante.

Improvizou-se uma sessão para solenizar o acontecimento. Presidiu ao acto o sr. Alvaro de Lacerda. E depois de algumas demonstrações de gymnástica por alunos de Andrés Schwarz (o «mestre» de educação física do Gimnásio Clube Português) proferiu o nosso camarada de imprensa sr. Raúl de Oliveira, director de «Os Sports», uma pequena palestra sobre «desporto e vantagens da sua cultura». Entretanto, procedia-se à distribuição de prémios dos torneios de ténis de mesa organizados pela E. N. P.

E seguiu-se a parte artística, apresentados os seus intérpretes pelos nossos camaradas Raúl de Oliveira e Lança Moreira e pelo distinto actor Erico Braga. No acto de variedades tomaram parte Tereza Gomes, Maria do Rosário, Maria Luísa Neto, Erico Braga, João Villaret e vários amadores do Rádio Clube e da «Voz de Lisboa».

III DIVISÃO DA A. F. L.

Palmense ou Olivais?

NESTA interrogação reside, efectivamente, de momento, todo o interesse do torneio da III Divisão da A. F. L., em primeiras categorias.

De facto, acontece agora o contrário do que se verificou no ano passado com o Sport Lisboa e Olivais, e há duas épocas com o Futebol Benfica, vencedores folgados da série lisboeta, que cedo se apresentaram como candidatos quasi indiscutíveis ao título do núcleo de Lisboa.

E o que não se observa este ano. Palmense e Olivais vêm travando renhida luta e torna-se presentemente impossível arriscar um prognóstico. Tanto melhor, com vista ao interesse do campeonato.

Temos, todavia, a impressão de que a equipa do Olivais decaiu um pouco em relação à primeira volta do torneio. O Palmense, pelo contrário, mantém-se, e o moral do grupo é bom.

O Desportivo dos Olivais tinha no domingo último um obstáculo difícil de transportar: a ida ao campo do Desportivo Operário, um dos estreantes do campeonato deste ano que tem dado muito boa conta de si.

O «leader» transpôs, no entanto, o obstáculo. Triunfou por 2-0.

Dois «goals», em em cada parte, fizeram o resultado: o primeiro foi marcado por Amílcar e o segundo por Frederico.

E assim o Olivais averbou mais uma vitória — uma vitória preciosa para tornar realidade os sonhos que ora acalenta.

Entretanto, o Palmense marcha confiante...

BARRIGANA

novo «keeper» do Sporting

(Conclusão da pág. 7)

para o «Onze Unido» — clube que trocou agora pelo Sporting. Alinhou na categoria de juniores — e ano e meio mais tarde fixava-se no «team» principall Eis a rápida carreira deste rapaz — que deu os primeiros pontapés ainda não fez cinco anos...

Quizêmos ouvir o futuro «vd». É o seu primeiro grande contacto com o público, através da imprensa. Barrigana — rapaz modesto e simples, com seu quê de timidez... — desconhece ainda estas pequenas coisas que fazem parte da vida dum jogador... E mostra-se-nos receoso! Quasi não fala. É preciso «puxá-lo»...

Por fim, decide-se: — Eu conheço pouco de futebol. Jogo, porque gosto. Mas não tenho

visto os grandes clubes e os jogadores que criaram fama. Aparte o Belenenses e o Sporting — só via os «teams» da minha terra... Apreço António Palhaço, Bastos e Raúl — meus antigos companheiros no «Onze Unidos!»? Dos outros? É difícil... Azevedo... Marques... Rafael...? Que quer — se pouco tenho visto jogar?...

«Estou no Sporting! Era a grande ambição da minha vida. Vir para o Sporting era um sonho — que se fez realidade! E que eu fui sempre «leão!» Tive outros convites — mas esperei que o Sporting me chamasse...

«Farei quanto puder para agradar. Quero servir o Sporting o melhor que saiba e possal jogo por prazer. O lugar de «keepers» é, para

mim, o único de que gosto. Também aprecio a natação — mas o futebol tem preferência...

«Sinto-me contente. Boa camaradagem. Todos são meus amigos — todos! E «mistern» Saabo sabe ensinar. Farei tudo para me tornar útil e agradável.

Uma pergunta: — «Gostarias de ser «internacional»?

Barrigana olha-nos com espanto. Mas logo no seu rosto se nota satisfação. Um sorriso de alegria lhe aflora aos lábios. E numa explosão de contentamento: — Ah! Isso era bom! Era! Mas tão difícil... Julgo impossível chegar lá...

«Impossível... Ora aqui está uma palavra que Barrigana deve viscar do seu vocabulário! Esquece-se talvez de que na vida nada é impossível — desde que se queira, se tenha vontade, se perseverar e haja tenacidade e fé. Querer é poder! E a vontade obra prodígios...

«Quem sabe se um novo «astron» virá a figurar na «constelação» do futebol português?

JORGE MONTEIRO

À LAREIRA

PROBLEMA N.º 7



J. PESSOA P.

Horizontais: 1—Revogara (o que estava em uso). 2—Matéria glutinosa com que se adulteram os vinhos. 3—Ligarás com força. 4—Movimento de oscilação; o jogo da glória. 5—Entre nós; clima. 6—Progredir; Batráquio. 7—Lástima; Assistir. 8—Enches de água; Castiga. 9—Manteca. 10—Fábricas de sabão. 11—Ordem de réptis, que tem por tipo o lagarto.

Verticais: Que tem sabor azedo. 2—Jactanciosos. 3—Substância espiritual; Queres bem. 4—Ídolo dos Assírios; Exalta. 5—Riqueza; Içou com cordas. 6—Casa; Destilar. 7—Jornada; Acreditei. 8—Alegrar-se; Escudeiro. 9—Enfado; Sacrificas. 10—Vermes intestinaes. 11—Variedade de amaranto.

CORRESPONDÊNCIA

Geníopes Senior—Porto: Recebemos a sua carta e algumas soluções, que agradecemos. Tomamos boa nota do seu conteúdo e procuraremos ir ao encontro do que pretende, tanto quanto nos seja possível. Afectuosos cumprimentos.

Monte Cristo—Lisboa: Queira indicar como lhe poderemos escrever.

Ocean—Porto: A sua direcção vinha ininteligível com os carimbos do correio; queira fazer o favor de no-la enviar novamente porque pretendemos trocar impressões sobre o assunto que lhe interessa.

Castel—Lisboa: Seja benvindo. A Secção está sempre às ordens. Pode mandar. As nossas homenagens.

Filmor—Algés: Já respondemos à sua dúvida, mas como não deu mais sinal de si, ignoramos se recebeu a nossa resposta. Saudações.

Malagal—Lisboa: Recebeu?

CARTÕES DE LIVRE TRÂNSITO

Tiveram a gentileza de nos enviar cartões de livre trânsito para os seus campos as direcções do Clube de Futebol «Os Belenenses», Grupo Desportivo «Os Fósforos», Clube Atlético de Campo de Ourique, Sporting Clube de Portugal, Sport Lisboa e Benfica e Associação de Tênis de Mesa de Lisboa.

Os nossos sinceros agradecimentos.

Assine a Revista «Stadium»

O mais fiel depositário do movimento desportivo do País

PREÇO DE ASSINATURA

3 meses Esc. 19\$50

6 » » 39\$00

12 » » 78\$00

O UNIDOS DO BARREIRO encara confiadamente o futuro

O Unidos do Barreiro, vencedor do campeonato de futebol de Setúbal, estreou-se este ano na 1.ª Divisão do Campeonato de Portugal. Julgamos por isso oportuno saber o que se pensava no clube acerca do momento presente. E procurámos para tal efeito o sr. Carlos Ramildes, secretário do clube e dirigente de fina ténpera, que nos recebeu amavelmente. Exposto o nosso propósito, fizemos, logo, esta pergunta:

— Que pensa da vitória do Uni-

Falando do «team» de futebol, quisemos saber, ainda, quais são os melhores jogadores do clube.

— «A nós, (responde o nosso interpelado), parece-nos que são o guarda-rédes, Simões, o médio centro, Camilo Pina, e o interior direito, João Palma.

— E praticam outros desportos?

— «Temos, também, equipas de remo, basket, atletismo e luta de tração; e pratica-se igualmente patinagem, volley-ball e ténis.

Interessados, preguntámos ainda:



Os novos campeões de Setúbal

dos do campeonato de Setúbal e da sua entrada na primeira Divisão?

— «O que todos pensariam! Estamos, como é natural, contentes, muito contentes! Há três anos ganhámos o Campeonato Nacional de Júniores; há dois o da 2.ª Divisão e passámos à Divisão de Honra; e este ano conquistámos o campeonato do distrito de Setúbal. É agradável».

— E o campeonato de Setúbal, como o encaram? Fácil ou difícil?

— «Difícil. Ganhámos porque a nossa equipa foi mais regular: uma derrota na primeira volta, e um empate e uma derrota na segunda».

— Que impressões têm do primeiro jogo do campeonato com a Associação Académica?

— «O resultado não significa diferença de valores entre as duas equipas. Isto pensamos nós, que podemos ser suspeitos. Mas, repare: nós, estreates, apanhámos um dia em que o campo, enlameado, estava de maneira a tornar o jogo difícil. E aquêles dois «penalties»...

Resolvemos aproveitar a ocasião para colher impressões acerca do clube e fizemos nova pergunta:

— Que projectos têm para o futuro?

— «Quanto ao campo de jogos, estamos a melhorá-lo: terá as medidas máximas, aumentámos o número de camarotes e ampliámos o peão. Tudo isto estará pronto no dia 31 deste mês, quando jogarmos com o Benfica».

— E quem treina a equipa?

— «O treinador é Rail Jorge, antigo jogador internacional de futebol. Além disto, os jogadores recebem, duas vezes por semana, lições de ginástica de Goi Leoniz».

— Tém colhido, nessas modalidades, os louros que alcançaram no futebol?

— «Tanto, talvez não — respondeu-nos o sr. Carlos Ramildes, satisfeito por falar dos seus rapazes — mas temos triunfado em várias ocasiões: em ping-pong somos campeões do distrito e vencemos as últimas de atletismo.

— «Gostaria de lhe mostrar as nossas instalações — diz-nos, ainda. De bom grado aceitámos o convite e já nos retirámos quando o sr. Figueira Júnior, também secretário do Unidos, que nos acompanhara, diz, encolhendo os ombros:

— «Há um sonho — uma «piscinal»!

— Não há, ao menos, a possibilidade de construção imediata? — inquirimos.

— É um sonho...

Assim nos despedimos da visita a este grupo de rapazes cheios de boa vontade.

SOUSA MARQUES

História dos desportos em Portugal

Retomou a normalidade da sua publicação a «História dos Desportos em Portugal», devida à pena brilhante dos nossos ilustres camaradas Tavares da Silva, Ricardo Ornelas e Ribeiro dos Reis.

Acabamos de receber os fascículos n.º 12 e 13, cuja apresentação gráfica continua a ser excelente — a par de recheio pleno de interesse.

DESPORTOS DO «STICK»

POR duas vezes já que a última jornada do Torneio de Outono — uma organização do Futebol Benfica, que devia servir para encerramento da época de 1942 — sofre adiamento: a primeira, a pedido do Paço de Arcos, a quem morreu um director, (o sr. Leocádio Pórcio) nas vésperas dos jogos de Cascais; e a última por via do mau tempo, que impediu a realização dos três «matchs» marcados para o «rink» do Dramático.

Estes adiamentos — qualquer deles por circunstâncias diferentes mas ambos justificados — não tiraram, porém, interesse aos desafios correspondentes à última jornada da prova: Académica-Lisgás, Hockey de Sintra-Cascais e F. Benfica-Paço de Arcos, principalmente a este, por constituir a «final» do torneio.

Com efeito, sendo o «hockey» em patins modalidade desportiva muito apreciada, é de admitir um interesse geral entre os seus inúmeros simpatizantes e cultores. E, de resto, a própria situação dos dois melhores «teams» do país — em cidir, nesse jogo derradeiro, a vitimidade de pontos e tendo de deria no torneio — aconselha à expectativa de que o «match» se reveste.

Eis, para melhor apreciação, o quadro de resultados consoante a posição de cada um dos concorrentes:

	J.	V.	D.	G.	P.
P. Arcos . . .	5	5	—	45-9	15
F. Benfica . . .	5	5	—	35-5	15
C. de Ourique . . .	6	3	3	23-25	12
Lisgás	5	3	2	24-15	11
H. Sintra	5	1	4	25-25	5
Académica	5	1	4	13-35	7
Cascais	5	—	5	2-49	7

O Campo de Ourique é o único clube que já está livre da prova... — cuja última jornada (marcada agora pela terceira vez!) deve cumprir-se no domingo, se não houver qualquer impedimento...

Quanto à outra modalidade dos desportos do «stick» (o «hockey» em campo) continua a disputar-se com regularidade o campeonato respectivo, cuja classificação actual é a seguinte:

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
Benfica	2	2	—	—	3-1	6
F. Benfica	2	1	1	—	4-3	5
Atlético	1	1	—	—	0-0	5
Hockey	2	—	1	1	3-4	3
Belenenses	3	—	—	3	1-3	2

O Belenenses conta uma falta de comparação, contra o Atlético.

A festa de Artur José Pereira

A direcção do Clube de Futebol «Os Belenenses» e a comissão organizadora da festa de Artur José Pereira escreveram-nos protestando o seu reconhecimento pela cooperação que receberam de «Stadium» na referida festa.

Nada têm que nos agradecer. A nossa revista está sempre, decididamente, junto de quem trabalha pelo desporto, ou de quem — como no caso presente — toma a iniciativa de honrar os seus mais brilhantes paladinos.

A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



Rugby: Flagrante documentário do jogo entre o Belenenses e o Ginnásio, na taça "Francisco Paulos"



Hand-ball: Uma fase do último Sporting-Belenenses



Hockey: Uma defesa do "keeper" do Belenenses no encontro com o Benfica, do campeonato em decurso



Na F. N. A. T. — A inauguração do curso de monitores de atletismo



Aspectos do último serão cultural no Sport Al-gés e Dafundo e da festa do Grupo Desportivo da Empresa Nacional de Publicidade ("Diário de



Azevedo e Gomes
da Costa no chão!



Stadium



Boa defesa de Valongo entre um "cacho" de jogadores

Aspectos do Pôrto-Sporting e da visita do sr. Director Geral dos Desportos ao norte do País



No banquete oferecido pela A. F. P.
no Hotel do Pôrto



Correia Dias e Marquês em luta...

Os cumprimentos dos clubes portugueses

